38:633.51
JUN

DR. ARTHUR BOTELHO JUNQUEIRA

O ALGODÃO

PRODUTO DE OPORTUNO CULTIVO
PARA A SOLUÇÃO DE NOSSA
CRISE ECONÓMICA FINANCEIRA.

GABINETE DO MINISTRO DA FAZENDA
SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E FINANCEIROS
BIBLIOTECA
N 1524 Data 19-1/37

EST. DE ARTES GRAPHICAS
C. MENDES JUNIOR
Rua Riachuelo, 192/194

7.4.1941

2154 6 5 46

Rio,..... Agosto de 1936

Caro patricio e prezado amigo Snr......

.....

Saudações cordiais.

No escopo de prestar um serviço á nossa gente e á nossa terra, elaborei e tomei a liberdade de remetter-lhe o presente trabalho intitulado "O algodão no Mapa Economico do Brasil e sua futura influencia na economia de Minas".

Como verá o ilustre conterraneo pela sua leitura, trata-se de um esforço de propaganda, de um apostolado economico em pról do fomento da-produção algodoeira em nosso Estado, e encerra — além de uma introdução, na qual procurei falar ao coração e ao sentimento do povo mineiro, para que se aplique com afinco á cultura daquela malvacea — o texto da conferencia que pronunciei a 25 de Junho ultimo, na "Casa de Minas Gerais", desta Capital, a convite de seu operoso presidente, instruções e conselhos praticos para essa lavoura, o decreto do governo do Estado, de Dezembro ultimo, sobre a cultura e o commercio do algodão no territorio mineiro e diversos balancetes das contas de varios campos cultivados em differentes zonas do Estado, com a demonstração arithmética, real, dos magnificos resultados financeiros dessa exploração agricola, na safra finda, em Minas.

Nosso Estado está com a sua economia depauperada: perde diariamente substancia e se enfraquece financeiramente.

Precisamos pôr um dique a esse esgotamento imperdoavel.
Precisamos trabalhar e produzir.

Precisamos orientar as nossas atividades no sentido de crear novas fontes de riqueza e firmar o nosso esforço na cultura de productos de facil, rapida e remuneradora colocação nos mercados consumidores, da patria ou do exterior.

O algodão se nos apresenta no momento como o mais seguro, o maior e mais pronto renovador de nossa economia.

Nas paginas desta monografia tentei traduzir esta convicção.

Minas é grande e rica; sua terra, generosa e farta. Urge que

o homem a régue com o suor do seu trabalho e a faça desabrochar em colheitas abundantes e valiosas.

Só assim retomaremos o rithmo de nosso progresso.

Só assim poderemos dar á nossa gente o conforto material, a cultura intelectual e artistica, a independencia e elevação moral — a que as exigencias de nossa civilização nos obrigam e que o confronto com os nossos irmãos da federação nos impõe.

Rogo ao meu estimado patricio lêr atentamente este folheto e divulgar o seu conteúdo o mais que pudér, conversando a respeito com todos os seus parentes, amigos e conhecidos, procurando entusiasmá-los e levá-los a experimentarem em suas terras o cultivo do algodoeiro.

Será em beneficio da nossa querida Minas.

Devemos realizar um movimento de vasta e profunda atuação neste sentido e com este objectivo, verdadeiramente interessante, util, proveitoso, sensato e patriotico.

Com o meu sincero agradecimento e o mais elevado apreço, me subscrevo,

Am., patricio e admor.

ARTHUR BOTELHO JUNQUEIRA

O ALGODÃO

Produto de oportuno cultivo para a solução de nossa crise económico-financeira.

—:—

OBJETIVO: — ENRIQUECER MINAS — ATRAÍNDO OURO PELO VEÍCULO DA CULTURA ALGODOEIRA.

Em 1935, cooperando com os esforços que o Governo Mineiro vem patrioticamente desenvolvendo afim de fomentar a produção económica do Estado, especialmente a cultura do algodão, do fumo e da mamona, de acôrdo com o plano que se traçou, resultante de um aprofundado e demorado estudo da situação das lavouras que no momento mais convêm á agricultura mineira, colligimos, em trabalho que fizemos distribuir por todos os municipios do Estado, alguns dados e observações sobre a situação algodoeira no mundo, em nosso paiz e em Minas, no escopo de atraír a atenção dos agricultores mineiros para aquele produto e incita-los a se dedicarem afincadamente ao seu cultivo e exploração, em beneficio proprio e das finanças públicas — tão necessitadas de seiva nova e abundante.

AS FORMIDAVEIS POSSIBILIDADES DO ESTADO

Balanceadas as possibilidades e perspectivas de MINAS GERAIS nesse especifico campo da sua economia agraria, afirmámos: "O povo de Minas precisa se compenetrar de que a cultura do algodão fará renacer a economia mineira".

E em grandes pinceladas, com cifras e fátos, desenhámos a "ótima conjuntura económica atual do algodão e a excepcional posição em que se encontra o nosso Estado para desenvolver sua cultura e dela tirar, neste momento, incalculavel proveito, parecendo mesmo ser este o meio para, de pronto, se melhorar a economia e as finanças estadoaes".

Um ano decorrido da publicação dessa monografia fomos convidados pelo nosso excelente conterraneo e admiravel Presidente da " Casa de Minas Gerais ", Conde ALFREDO DOLABELLA PORTELA, que ocupa nos quadros do trabalho, da lavoura, d aindustria e do comercio de Minas, quiçá do Brasil, uma posição de extraordinario destaque pela força de sua iniciativa, pela sua corajosa tenacidade e vitoriosa perseverança, para realizar uma conferencia naquele gremio mineiro sobre "O algodão no mapa económico do Brasil".

—:—

RESULTADO JÁ COLHIDO E O MUITO QUE AINDA SE PÓDE OBTER

Revendo os algarismos de nossa estatística e computando os resultados do trabalho dos Mineiros na produção algodoeira, apurámos que muito se havia conseguido na safra que se está colhendo e que se fun-

dára logo após a distribuição do mencionado opúsculo. De 14.000 toneladas, a colheita subira para cerca de 30.000 — o que significa um aumento de 100 %, de um ano para outro.

Representa isso uma conquista da bôa vontade e da operosidade da gente montanheza. E o que mais é e mais nos deve contentar é que a safra atual não foi superior sómente em quantidade, mas tambem em qualidade e sobretudo nos seus efeitos económicos, nos lucros dos lavradores.

Dest'arte temos segura convicção, temos plena certeza, que as plantações da proxima campanha serão dilatadas, acrecidas e melhor cuidadas, ensejando a perpectiva de uma colheita bem maior em volume e valor do que a presente.

Vamos assim, nos orientando pela diretriz que convém seguir e começando a trilhar o caminho certo, na esféra da produção.

Na conferencia aludida, após rapido exame dos resultados obtidos pelo nosso paiz e ligeiro retrospecto da situação mundial, mencionámos casos concretos, fátos positivos referentes á incipiente cultura no Estado, fazendo resaltar os proventos magnificos de varias experiencias levadas a efeito com todo rigor e sinceridade, em diferentes zonas do territorio mineiro.

Cumpre frizar que ás vantagens apontadas na esfera rural e na economia geral do Estado, se deve juntar ainda a maior produtividade industrial que as fábricas mineiras vão obtendo com o emprego da ótima pluma local, de excelente qualidade e consideravel rentabilidade nos filatorios.

O QUE JÁ REALIZOU SÃO PAULO E O QUE A MINAS CUMPRE FAZER

Aproximando-se a época da plantação da nova safra em Minas, onde se deve semear o algodão, nas zonas Sul, Oéste e Mata, nos mêses de Outubro e Novembro, resolvemos enfeixar em folheto aquela conferencia, acrecentando-lhe a mais destas ligeiras palavras, postas á guiza de introdução, algumas indicações e conselhos sobre a cultura do algodoeiro e o recente decreto do governo mineiro dispondo sobre essa cultura — folheto, que destinámos a distribuição gratuita pelos interessados, por todos os municipios do Estado.

Os conselhos e indicações fomos pedir ás luzes de dois consagrados técnicos, que são das mais altas e acatadas autoridades no assunto, o Sr. CRUZ MARTINS, chefe da Secção de agronomia do Instituto Agronomico de Campinas e o Sr. JAYME F. BRITO, da Inspetoria Regional de Minas Gerais do Serviço de Plantas Textis — Departamento Nacional da Produção Vegetal do Ministerio da Agricultura.

A esses dois benemeritos servidores da lavoura algodoeira no Brasil apresentamos os nossos agradecimentos e de todos os agricultores nacionais, pelos seus incomparaveis esforços em pról do incremento e do aperfeiçoamento da cultura algodoeira e pedimos a devida permissão para nos utilizarmos de seus ensinamentos. E' em beneficio do Brasil.

Ao Instituto Agronomico de Campinas muito deve a riqueza algodoeira de São Paulo.

Póde-se dizer que ela é obra desse Instituto, da dedicação de seus técnicos e do patriotismo e incançavel assistencia aos mesmos dada pelo governo daquele Estado.

"A batalha travada em pról da lavoura do algodão, em São Paulo, está vencida" — poude proclamar com justa ufania e vitoriosa satisfação CRUZ MARTINS.

De fáto, quem conheceu o que era o algodão paulista ha quinze anos, quasi não acredita no milagre operado pela técnica agronomica aplicada á seleção das sementes, á melhoria das qualidades, crecimento da fibra, etc. Em 1920, em geral o algodão paulista era de fibra média de 22/24 mm., tamanho inconveniente ás fiações. Hoje São Paulo possue "ótimas variedades de algodão — produtivas, rusticas, de bom comprimento de fibra (média 28/30 mm.), de alto rendimento nos descaroçadores e nos filatorios."

Reconheçamos e proclamemos bem alto este serviço prestado por São Paulo, nosso irmão vanguardeiro, que foi, com suas "bandeiras", o pioneiro de nossa formação ethnica e da constituição da Capitania das Minas Gerais e hoje é a esplendida forja de trabalho, o formidavel creador de riqueza, poder, força, cultura e civismo, com que conta o Brasil para abrir caminho sob o determinismo inelutavel da Historia, na sua marcha para o futuro e para o alto.

Com a generosidade de sua terra farta e o espirito liberal de sua raça, os Paulistas vão espalhando a mãos cheias, sem reservas avaras, por todos os outros Estados, os frutos de seu trabalho e inteligencia.

Dentro dessa comunhão nacional de sentimentos fraternos e da solidariedade que nos deve unir, fazendo de todos os Estados, uma só patria — o Brasil — utilizemo-nos franca e cordialmente dos tesouros que a experiencia paulista nos oferece.

O DEVER DOS MINEIROS

Lavradores Mineiros!

Façamos a nossa terra desabrochar em mésses ópimas e as lombadas das montanhas, os espigões dos outeiros e colinas, as planuras e os vargedos ferteis da gleba mineira alvejarem ao sol, nos capulos brancos dos algodoais sem fim.

Sigamos o exemplo de São Paulo, que, prodigo de saber e de constancia, é o nosso irmão mais velho e mestre magnifico de trabalho, na agricultura, na industria e no comercio, orgulho e enlevo da mãe patria.

Nossa terra está pobre; ela precisa de nosso labor e de nossa dedicação para que suas colheitas creçam e se multipliquem em quantidade e variedade, enriquecendo a nossa gente.

O algodão é o ouro, e ouro facilmente ao nosso alcance. Com seis a sete mêses, a semente lançada á terra, germina, crece e se transforma na alva pluma, que se vende a bom preço. O rendimento da terra cultivada com algodão é inegualavel. A cultura é facil, remuneradora e admite o trabalho do homem, da mulher e da creança. O produto tem pronta saída. Não está, como o café, sujeito á regulamentação de embarques, a restrições, quótas de sacrificio e outros embaraços tão desanimadores e aborrecidos. O algodão não se estraga com o tempo, pode ser guardado mêses e

anos sem se deteriorar. Sua cotação nos mercados mundiaes é firme e seu consumo aumenta sempre.

Mineiros!

Minas póde e deve produzir no ano proximo uma safra de 100.000.000 de quilos em rama, valendo, ao preço atual, mais de rs. 400.000:000$000.

O que é preciso é plantar agora em quantidade bastante para se colher aquele volume.

Plantemos, pois, visando uma colheita digna da grandeza de nosso Estado.

Na casa de Minas Geraes. — O Dr. Arthur Botelho Junqueira pronunciando a sua conferencia sobre "O algodão no Mappa Economico do Brasil".

O ALGODÃO NO MAPPA ECONOMICO DO BRASIL

Conferencia realizada na "Casa de Minas pelo Sr. Arthur Batelho Junqueira, Director do Banco Mineiro da Café.

DEVOÇÃO A' TERRA E A' GENTE DE MINAS GERAES

Recebendo, no convite do Presidente desta Casa, o nosso excellente e admiravel conterraneo Conde Alfredo Dolabella Portella, personalidade empolgante pela omnimoda actividade e inesgotavel perseverança em grandes emprehendimentos industriaes e victoriosas campanhas financeiras, a palavra de ordem de Minas para vir prestar o meu serviço ao nosso Estado e ao Brasil, é com satisfação que compareço perante este auditorio de escól para dizer algo do que penso e do que aprendi, no estudo e na pratica diuturna da vida profissional, sobre o thema que me foi distribuido — **o algodão na quadro da economia brasileira**.

Não vos trago os primores de uma conferencia literaria capaz de prender a attenção mais exigente e encantar a espiritos requintados.

O que vou ler é apenas uma disssertação de caracter economico, versando assumpto sem enlevo, mas repleto de utili-

dade, muito opportuno e conveniente aos interesses mineiros e nacionaes.

Commerciante e banqueiro, quasi que posso dizer apenas banqueiro, durante trinta annos de labor profissional, minha mentalidade, e, pois, minhas expressões são de homem de negocios.

Habituado a lidar com os numeros, as estatisticas, cotações de bolsas, altas e baixas de mercados, balanços, lucros e prejuizos, só sei falar a linguagem das cifras.

Jámais, porém, deixei que se estiolassem em meu espirito e no coração, o profundo sentimento humano e as resonancias civicas, de patriotismo e de regionalismo, no bom sentido da palavra, repercutidas e gravadas no meu caracter pelo ambiente mineiro, através os ensinamentos do lar, as lições dos mestres e o convivio da gente montanheza, tão bôa e, moralmente, tão sã.

Afastado da terra mineira desde qeu conclui o curso academico, ha mais de um quarto de seculo, de longe venho acompanhando filialmente todas as vicissitudes de seu evoluir, rejubilando-me com seus triumphos e soffrendo suas desgraças.

Distante das competições e lutas locaes e olhando o Estado de uma visada mais ampla, por isso que se projecta de um ponto de vista exterior, mais remoto, abrangendo o conjunto dos seus problemas, sem a preponderancia ou prejuizo de aspirações municipaes ou regionaes, só me interesso pelo seu progresso e pela sua grandeza, sem **fetichismo** por homens nem partidos.

Não quer isto dizer que não admire, respeite e cultúe, como merecem, os grandes vultos da historia de Minas Geraes e os avisados e eminentes "leaders", que têm orientado a sua vida administrativa, politica e social, a sua lavoura, a industria, o commercio, o seu trabalho, arte, letras e educação — emfim sua cultura e civilização.

Não ha grande povo, sem grandes chefes, fortes e prestigiados. Já Camões proclamou nos "Luziadas", — que um fraco rei faz fraca a forte gente".

Reciprocamente, o povo fortalece ao chefe, dando-lhe apoio, enthusiasmo e admiração, seja esse chefe um guia politico, reli-

gioso, literario, artistico, industrial, commercial, obreiro, sportivo, ou meramente social, no sentido mundano.

A gente mineira, dotada do "grave senso da ordem", na frase de João Pinheiro, o Presidente que se sacrificou ao povo, expirando no seu posto, no Palacio da Liberdade, tem a clara intuição desse dever e cumpre-o com decisão, reprimindo mesmo impulsos pessoaes e suffocando sympathias partidarias, como o recordam episodios historicos de sua vida politica, até de recentes periodos da éra republicana.

Aos chefes, aos orientadores da opinião e das actividades mineiras compete retribuir ao povo este apoio, dedicando-se ao estudo e defesa de seus interesses, marcando-lhe directrizes seguras e certas para seu progresso.

*

* *

O AUGMENTO DA PRODUCÇÃO — IMPERATIVO CATHEGORICO DE VIDA OU DE MORTE PARA MINAS

A primeira e mais importante necessidade de Minas neste instante decisivo da evolução brasileira, é o augmento de sua producção economica, a multiplicação dessa producção applicada a mercadorias e artigos de prompta collocação no mercado internacional — que os ha de facil e remunerador cultivo na gléba mineira, — afim de ampliar o poder de compra do povo, elevar o seu "standard of life", ainda mui baixo, e equilibrar o orçamento do Estado, pelo consequente crescimento da receita publica — o que tudo significa **melhoria material e moral,** progresso, cultura e civilização.

Da comprehensão deste problema se acha compenetrado o governo mineiro, que, em declaração do seu operoso secretario da Agricultura, confessou os compromissos assumidos com a opinião publica "no sentido de incrementar o desenvolvimento economico de Minas, fundando na escolha racional das actividades e no augmento e melhoria da producção as bases de nossa riqueza e as fontes mais estaveis da receita do Es-

tado". E prometteu "incentivar um largo movimento de amparo, defesa, orientação e fomento da agricultura, explicando que "a escolha da agricultura como campo de acção inicial nesse movimento plenamente se justifica, porque é a agricultura a nossa principal actividade, a ella se dedicando cerca de oitenta por cento da população do Estado e concentra actualmente os nossos maiores capitaes, a ella estando vinculada a sorte das nossas populações ruraes, isto é, da maior reserva economica do Estado. Esse movimento obedecerá a um plano préviamente estabelecido, cujo desdobramento abrangerá, gradualmente, todos os aspectos da actividade productora do povo mineiro. Do estudo já realizado, concluiu o governo que as culturas mais importantes para a economia mineira são, neste momento, o algodão, o fumo, e a mamona".

*

* *

O ALGODÃO — CHAVE DO PROBLEMA ECONOMICO DO ESTADO

Essa publicação foi feita em Julho do anno passado. Vendo assim comprehendido e exposto o problema economico-financeiro de Minas, em inteira synchronia com o meu modo de encaral-o, e convencido, pelo conhecimento da situação algodoeira em nosso paiz e no mundo, de que a cultura do algodão no momento seria o maior sustentaculo de nossa economia — decidi ajuntar cifras e observações a respeito, enfeixando-as em folheto que distribui por todo o Estado, com o proposito de, cooperando co mos patrioticos esforços do governo, attrahir a attenção dos agricultores mineiros para aquelle producto e incital-os a se dedicarem a seu cultivo e exploração, em beneficio de seu proprio enriquecimento e da melhoria das finanças do Estado.

Certamente dahi é que se póde inferir a razão de ser desta palestra.

Parece esquisito que, em se tratando do Director do Banco Mineiro do Café, tenha o Presidente desta Casa me designado

poro discorrer sobre o "ouro bronco" no panoramo economico nocionol. Induziu-o a esse acto a leitura doquella monogrophio, opoiodo oindo no circumstoncio do meu trato commerciol com o olgodõo duronte mois de umo décodo, o que era tombem de seu conhecimento.

Meu interesse, meu enthusiosmo pelo olgodão, sob o prismo economico nocionol, doto, porém, de vinte onnos, quondo em 1916, gerente que era do Agencio do Bonco do Brosil em Recife, tive opportunidode de assistir á instolloção dos grondes usinos e prensos hydraulicos da Sociedode Algodoeiro do Nordeste, no interior de Pernambuco.

Desde então tenho ocomponhado, convicto de suo capitol importoncia poro o nossa economio, o situoção commercial desso molvaceo.

Nesso preciosa fibra é que encontraremos no momento e de immedioto o solução de nosso problemo economico, e, portanto, o melhoromento do situoção finonceiro do Estado.

Poro tornor evidente esta offirmotiva, vamos lonçar umo visto d'olhos sobre o situação commerciol do olgodõo no mercodo mundial, sua influencio no economio universal e focolizar com moiores precisão e minucios sua posição estotistico no moppo do nosso producção agricolo, no parque do nossa industrio monufoctureiro e no quadro de nosso exportação.

*

* *

SUA MAGESTADE — O CAFÉ

Entre parenthesis e paro desfozer quaesquer conclusões exoggerodos, digo que não acredito provovel sejo o café desboncado no nosso commercio exterior pelo algodõo.

A economio do café, controlada pelo governo federal, vaese orientando por directrizes mais consentoneas com o verdadeiro interesse nacional.

A companho dos "cofés finos" basea-se no conveniencia dos productores e dos consumidores, visondo proporcionar o estes mercadorias mais em conto e de melhor polador e áquel-

les maiores lucros e vendas promptas, isto é, rapido escoamento das safras.

Quem diz "café fino", não menciona apenas qualidade, como á primeira vista parece, indica tambem quantidade, ou, por outra, maior "rentabilidade" em chicara, e, pois, menor preço proporcional, bebida mais saborosa e mais barata.

Não se deve esquecer, porém, que ha mercado para outras qualidades, que produzimos e que não nos convém abandonar, porque outros fornecedores pressurosamente tomariam o nosso logar, com prejuizo de nossa lavoura caféeira e de nosso commercio internacional.

*

* *

PANORAMA ACTUAL DA ECONOMIA BRASILEIRA

Fechado o ligeiro parenthesis consagrado ao café, fixemos, em conjunto, o panorama da economia brasileira, antes de entrar no assumpto especifico de nossa palestra.

Os paizes sul americanos apresentam, sob o aspecto da producção, a mesma physionomia geral, derivada de tres factores communs a todos elles, no momento — grandes territorios, população escassa e mingua de carvão mineral.

São exportadores de materias primas e artigos de alimentação; constituem o typo economico **semi-colonial**, caminhando progressivamente alguns, como o Brasil, para a industrialização e a preponderancia do mercado interno, cada dia mais accentuada.

Devido á falta de carvão de pedra, de mão de obra especializada, technica, e de capitaes disponiveis, não pódem fundar a chamada industria pesada, basica para as manufacturas, nem as industrias chimicas, de especialização scientifica; e são obrigados a adquirir dos paizes altamente industrializados os artigos manufacturados, embora disponham de vastas reservas naturaes de materias primas.

As estatisticas mostram que setenta por cento, em média, do valor das importações sul-americanas correspondem a productos industriaes.

No Brasil, dois terços de suas importações são de artigos manufacturadoos e cerca de noventa par cento das exportações se constituem de productos da terra, brutos au semi-beneficiados.

Desde a crise de 1929, que a baixa das preços ouro vem prejudicando profundamente a ecanomia das paizes desse typo.

Mas, o nosso trabalho, a nossa potencialidade de producção nem par isso se tem abatido.

As "cifras-pesa" de nassa exportação nos quatro primeiras mezes, das annos de 1933, 1934, 1935 e 1936, que foram, respectivamente, em toneladas:

468.426 — 628.634 — 787.016 e 964.011

revelam augmento constante e panderavel, de um anna para outro.

Os "valores-auro", relativos:

££ 13.053.000 — 11.525.000 — 10.565.000 e 10.709.000

é que, ao envés de accrescimo proparcional ao augmento da volume embarcado, apresentam reducção, mostrando que em remessas mais vultosas apurou-se menor importancia em "moeda-ouro".

Esta situação paradaxal e grandemente nefasta aos interesses brasileiros decorre do desequilibrio economico reinante no mundo, em consequencia ainda das farmidaveis perturbações saciaes, **lato-sensu** falando, que a conflagração européa de 1914 desencadeau.

E não está nas nassas mãas corrigir, no campo da cammercio internacional, taes anormalidades.

O reajustamento das preços far-se-á paulatinamente, segundo adaptações que a evolução ecanomica fôr determinando.

Paiz "neo-capitalista", segundo a expressão do sabio economista allemão Ernest Wagemann, o Brasil até 1933 apresentava, sobre outros paizes da mesmo typo economico, a desvantagem de estar na dependencia de um só artigo da sua pra-

ducção — o café — que concorria com cerca de tres quartas partes do valor global de sua exportação, para a formação de seu balanço internacional e a capitalização destinada ao fomento de sua industria e de seu commercio, com o apparelhamento technico e financeiro, necessario á sua expansão.

Cerceada a exportação do café por qualquer entrave, a situação economica do Brasil soffreria consequentemente de extrema difficuldade.

De 1934 para cá, entrou o algodão a pesar na balança de nossas trocas internacionaes, com tendencia para um desenvolvimento progressivo e constante, capaz de fazel-o occupar na pauta de nossa exportação um logar destacado, ao lado do que sustenta ha um seculo o café.

Será, assim, a segunda columna mestra de nossa economia.

*

* *

CONSUMO MUNDIAL DE ALGODÃO

Constitue o algodão uma das materias primas mais necessarias á nossa civilização e de maior applicação na industria hodierna.

Seu consumo augmenta sempre, á medida que a colmeia humana prolifera e prospera.

O consumo mundial do algodão, na campanha de 1933-34 (1.º de Agosto a 31 de Julho), segundo calculos da Federação Internacional dos Fiadores de Algodão, foi approximadamente de 25.094.000 fardos, de peso **standard** de 500 libras, das seguintes procedencias:

America . . .	13.539.000	fardos ou	54 %	de total
India	4.770.000	" "	20 %	" "
Egypto	1.108.000	" "	4,4 %	" "
Outros paizes, o Brasil entre esses .	5.677.000	" "	22,6 %	" "
Somma. . . .	25.094.000	" "	100 %	" "

Em 1934-1935 avalia-se um gasto de 26.000.000 de fardos, quantidade que deve ter augmentado em 1935-36, pois os "stocks" têm diminuido nos grandes entrepostos distribuidores e os embarques dos paizes productores, nomeadamente os Estados Unidos, revelam accrescimos sobre as remessas da campanha anterior.

O consumo annuo do algodão de todas as procedencias, no mundo, foi em media de 23.000.000 de fardos, nos ultimos tres lustros.

Só nos Estados Unidos, a quantidade de pluma que entra nos filatorios excede de 6.000.000 de fardos, por anno.

Das outras nações, as que mais consomem algodão são: na Europa — a Grã-Bretanha, Russia, Allemanha e França; na Asia — Japão, India e China — que todas juntas fiam mais de 15.000.000 de fardos de rama.

Encontram-se ainda centros industriaes, manufacturando fios e tecidos de algodão, em muitos outros paizes, elevando o emprego dessa fibra, annualmente, a mais de 26.000.000 de fardos.

*

* *

PRODUCÇÃO MUNDIAL DE ALGODÃO

Por outro lado, cultiva-se esta malvacea nos cinco continentes, preponderando a America e a Asia, principalmente a America do Norte.

A producção algodoeira em todo o mundo subiu de 17.486.000 fardos em 1909-1910 para 27.865.000 de 1931-1932.

A média annual das safras em todo o globo, durante a ultima decada, foi de 25.000.000 de fardos, tendo atingido ao maximo, no ano de 1932, com uma colheita de 27.865.000 fardos.

Nesse ano, a safra americana elevou-se a 17.096.000 fardos contra 10.769.000, dos demais paizes.

As safras americanas, de 1933 para cá sofreram sensivel diminuição em consequencia das medidas adotadas pelo governo americano.

As volumosas colheitas dos anos anteriores, ultrapassando as possibilidades do consumo, vinham accumulando consideraveis "stocks" e deprimindo as cotações, com graves prejuizos aos plantadores e á economia do povo americano, especialmente dos Estados do sul — onde estão situadas as culturas algodoeiras.

Para remediar a crise, o governo americano adquiriu grandes quantidades de algodão, restringiu as áreas de plantação e marcou preços minimos, pelos quais fazia o financiamento aos agricultores.

Essas providencias determinaram a diminuição das colheitas e a alta dos preços, mas, por outro lado, estimularam o cultivo do algodoeiro em outros paizes, com pequeno aumento das safras destes e sua concurrencia ao produto americano nos mercados internacionais.

As cotações, que tinham caido a 5 centavos por libra peso, em Nova York, para o tipo medio do algodão americano na safra de 1931-32, subiram a 11,75 em 1932-33, mantendo-se na média de 8 centavos nessa safra e na de 10,50 em 1933-1934.

Estes são os mais baixos preços que registra a historia do comercio algodoeiro na America. Até 1929-1930, os preços não haviam descido abaixo de 14 centavos, tendo mesmo alcançado as altas médias de 38 em 1919-1920 e 30 em 1922-23.

As colheitas americanas baixaram de 13.117.000 fardos, em 1933, para: 9.636.500 em 1934 e 10.635.000 em 1935.

A safra do ano corrente está avaliada pelo Bureau of Agricultural Economics, de Washington, em 10.734.000 fardos, para uma **colheita mundial** de **25.500.000,** segundo estimativa da mesma origem.

Na India, o volume da safra corrente é calculado em 4.489.000 fardos contra 3.907.000 da verificada o ano passado.

A safra egipcia, que no ano anterior foi de 1.566.000 fardos, aumentou no ano em curso, sendo provavel que atinja a cerca de 1.850.000 fardos.

Na China a colheita, em 1935, foi estimada em 2.216.000 fardos, contra 3.125.000 no ano anterior, devido a irregularidades climatericas e comoções intestinas.

*
* *

SITUAÇÃO COMERCIAL DO ALGODÃO — CONTRÔLE AMERICANO

Nas atuais condições do mundo, não se póde esperar um aumento brusco na lavoura algodoeira internacional.

O seu contrôle continua em poder dos americanos.

A situação mundial do algodão é lisongeira e depende da diretriz que fôr dada á politica algodoeira nos Estados Unidos que jogam com os dados para ditar-lhe os preços futuros.

A redução das safras americanas, resultante das restrições nas plantações, não provocou aumentos ponderaveis nas áreas cultivadas do resto do mundo, nem, **ipso facto,** acrescimo notavel de colheitas.

Houve, isoladamente, aumento de área cultivada e produção em alguns paizes. O Brasil foi o que maior crescimento registrou; mas, nosso excesso foi tão pequeno ante as cifras da produção mundial, que não conta no conjunto dos paizes produtores.

Absorveu-o facilmente a expansão do consumo, tendo os "stocks" em todos os grandes emporios caido sensivelmente.

*
* *

PRODUÇÃO NACIONAL DE ALGODÃO

O Brasil planta e exporta algodão desde os tempos coloniais; sua produção não tem, porém, correspondido ás quasi ilimitadas possibilidades de seu territorio, neste ramo agricola.

No passado, sómente durante a guerra de Secessão entre os Estados do Sul e do Norte da America Septentrional é que os nossos embarques dessa fibra tiveram algum desenvolvimento,

devido á escassez do genero americano nos centros industriais e ao encarecimento extraordinario da mercadoria.

O paiz se limitava a plantar para as necessidades do consumo interno, exportando as sobras.

Aliás o mesmo acontece com outras regiões, conforme atesta o Serviço Economico da Liga das Nações, que menciona expressamente tambem a Russia e a China.

Segundo recenciamento agricola de 1920, a area cultivada com algodão na nossa patria era avaliada em 378.600 hectares, 30 % da qual situada em S. Paulo e 18 % em Pernambuco, vindo em seguida Parahyba, Ceará e Maranhão.

A produção brasileira, que naquelle ano foi de 99.701 toneladas, veio em crescendo vagaroso até 1924, quando alcançou 155.250, declinando nos anos seguintes, com pequenas ocilações até 1932, que foi o de menor safra nesse periodo, com 76.416, devido á seca no nordéste. A média anual da produção, nessa época, foi de 113.000 toneladas. Já em 1933, as culturas aumentaram e melhoraram, fornecendo uma safra de 151.253.

O verdadeiro incremento tomado pela lavoura algodoeira no Brasil começou em 1934, com uma safra de 284.000 toneladas, que subiu para 314.000 no ano passado.

Em nosso relatorio do Banco Mineiro do Café, publicado em Março de 1935 e relativo ao ano bancario de 1934, já registravamos o sucesso da fórma seguinte:

"O fato economico mais importante para o paiz, ocorrido o ano passado, foi o surto extraordinario da nossa produção algodoeira, que teve facil e proveitoso escoamento, com ótima aceitação por todos os mercados compradores dessa preciosa fibra.

A safra brasileira de algodão foi em 1933, de 150.000 toneladas e no ano passado, de 250.000, estando estimada a do ano corrente em 350.000. O consumo interno da nossa já bem aparelhada e importantissima industria de fiação e tecelagem orça por 100.000 toneladas.

As vendas para fóra do paiz ultrapassaram de £ 4.000.000, ouro, contra 370.000 no ano precedente. E no ano corrente as perspectivas se apresentam sob aspecto ainda mais animador".

De 1920 a 1933, somou a nossa produção de algodão — 1.607.472 toneladas, com a media anual de 114.819 e o consumo interno atingiu a 1.216.825, com a média, por ano, de 86.916 — o que deixou um excesso exportavel de cerca de 28.000 toneladas cada ano.

No ano fluente estima-se a safra, cuja colheita já vai bem adiantada em S. Paulo e Estados do Sul, em cerca de 400.000 toneladas, sendo 170.000 dos Estados do Norte e 230.000 de S. Paulo e demais Estados do Sul do Brasil.

Descontadas cerca de 150.000 toneladas exigidas pelo consumo interno e para reforçar stocks, sobram 250.000 para a exportação.

Aos preços atuais representam as quantidades exportaveis cerca de **um milhão de contos de réis** ou sete milhões de libras-ouro.

A qualidade do algodão que se está colhendo e classificando em S. Paulo é ótima. Os embarques para o exterior vão se fazendo com regularidade e o artigo se colocando facilmente nos mercados distribuidores.

*

* *

CONSUMO INTERNO

O consumo interno vem em aumento constante, e ainda comporta maior expansão para satisfazer a todas as necessidades da nossa já consideravel população.

Com cerca de 370 fabricas, trabalhando 2.690.000 fusos e 126.000 teares, a industria nacional emprega 120.000 operarios e gasta 110.000 toneladas de fibra anualmente, para vestir uma população computada em 42.000.000 de habitantes. Os Estados Unidos com uma população de 125.000.000, consomem, dentro de suas fronteiras, 1.100.000 toneladas de pluma — o que significa mais do triplo do nosso consumo proporcional e demonstra falta de poder acquisitivo de parte da nossa população. Ampliada a capacidade de compra desta, campo vasto terá a industria textil algodoeira nacional para a

colocação de sua manufatura, podendo elevar ao triplo a sua fabricação e o gasto do algodão — que tanto requerem as necessidades da população do Brasil.

*

* *

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA

Nossa exportação algodoeira que anualmente atingia á média de 25.000 toneladas por ano, declinou para 515 em 1932, ano de seca inclemente no nordéste e da revolução de São Paulo.

Em 1934 subiu a 126.548 e o ano passado a 138.630 toneladas, tendo produzido em ouro respetivamente — ££ 4.666.439 e 5.222.733 e em contos de réis — 456.198 e 647.933.

As nossas vendas vêm sendo feitas desde tempos remotos em primeiro logar, á Inglaterra, cujo porto de Liverpool é o maior entreposto algodoeiro na Europa, á Allemanha, á França, Portugal e Holanda. Ultimamente, o Japão se alistou entre os nossos freguezes, prometendo tornar-se um dos maiores compradores. Foram nossos grandes importadores, em 1934: Grã-Bretanha, com 66.340 toneladas; Allemanha, 21.442; França, 11.258; Portugal 6.857; Belgica-Luxemburgo, 8.664; Holanda, 5.248.

Em 1935: Alemanha, com 82.329 toneladas; Grã-Bretanha, 25.939; França, 10.664; Belgica-Luxemburgo, 5.908; Holanda, 4.716, e Portugal, 2.986.

Nos quatro primeiros mezes do ano corrente exportámos 35.771 toneladas na soma de £ 1.117.164, ou 143.095:000$ réis, registrando-se o valor médio de 4$000 por quilo.

Os paizes que mais nos compraram foram: Grã-Bretanha com 13.054 toneladas, Alemanha, 7.111, Japão 14.604 e França 4.251.

Em igual periodo do ano anterior, a exportação subiu a 46.912 toneladas no valor de £ ouro — 1.943.922 ou réis 207.312:000$000, com o quilo valendo em média 4$419.

Foram nossos maiores compradores; Alemanha com 29.417 toneladas, Grã-Bretanha 9.308 e França 3.385.

Nos tres lustros, de 1919 a 1932 exportámos — 307.517 toneladas, na média anual de 21.000 toneladas e no valor total de £ ouro 29.525.838.

O quadro abaixo mostra a posição do algodão entre os principais produtos exportados nos anos de 1932 a 1935, indicando os respetivos valores-ouro e percentagens na soma total da exportação nacional.

EXPORTAÇÃO GERAL DO BRASIL	1932		1933		1934		1935	
	££	%	££	%	££	%	££	%
	36.629.594	100	35.790.080	100	35.239.611	100	33.012.000	100
Café	26.237.827	71,63	26.163.483	73,12	21.540.539	61,13	17.374.000	52,63
Algodão	25.116	0,07	369.392	1,03	4.666.439	13,24	5.223.000	15,82
Cacáo	1.655.812	4,52	1.339.838	3,74	1.337.169	3,79	1.302.000	3,94
Couro e pelles	1.383.313	3,78	1.396.173	3,90	1.363.760	3,87	1.243.000	3,77
Matte	1.273.990	3,48	807.263	2,26	734.750	2,09	543.000	1,64
Carnes	994.826	2,72	856.667	2,39	673.845	1,91	821.000	2,49
Fructas	1.041.483	2,84	1.117.629	3,12	839.602	2,67	1.017.000	3,08
Fumo	682.476	1,62	384.866	1,08	534.571	1,52	534.000	1,64

No ano que está correndo, embora os algarismos relativos aos primeiros quatro mezes revelem diminuição dos embarques, espera-se uma exportação superior a 200 mil tonladas, no valor de mais sete milhões de ££ ouro.

*

* *

PREÇOS E COTAÇÕES

Os preços do algodão oscilam muito; mas as atuais cotações em Liverpool são das mais baixas que a sua bolsa registra, já tendo descido á casa de 5 d. e mantendo-se estavel por um longo periodo na de 6 d., com alterações diarias de frações. Não é provavel que baixem mais e, se isso acontecer, só poderá ser em importancias sem alcance para nós outros.

Cumpre notar que em 1918, durante a guerra mundial, Liverpool chegou a cotar o algodão a 70 d. por libra peso.

Dentro do nosso paiz, a variação dos preços por quilo seguiu linha irregular de 5$000, em 1920, até 1$800 em 1921; — 1922 fechou a 3$300 e 9$600 foi o maximo, em 1923.

Essa ultima alta resultou do enorme estrago feito á safra americana 1911-22 pela largata (**boll weevil**), reduzindo sua estimativa de 13.000.000 de fardos para uma colheita de 8.285.000.

No ano de 1934 mantiveram-se os preços entre 6$000 e 5$000; e no ano pasado, entre 5$000 e 4$000.

No corrente ano têm regulado de 5$500 a 3$500.

Nas presentes condições de trabalho agricola do Brasil, estes preços são altamente remuneradores.

E tudo indica que eles serão sustentados e só poderão subir.

O abandono da politica de apoio financeiro a favor dos agricultores nenhum beneficio trará á economia americana; pelo contrario, acarretar-lhe-á grandes desordens, porque os preços já estão muito reduzidos e os fazendeiros não poderiam manter as suas explorações algodoeiras com cotações abaixo de nove

centavos por libra; as safras não têm excedido ao consumo e os stocks estão em declinio.

*
* *

NÃO E' PROVAVEL UM AUMENTO BRUSCO NA PRODUÇÃO MUNDIAL

E não ha probabilidade de um aumento rapido e sensivel da produção fóra dos Estados Unidos.

A administração americana investiga e acompanha de perto este problema.

Considera que, entre os grandes paizes do mundo, sómente o Brasil dispõe de condições para intensificar a cultura do algodão, mas não julga possivel a continuação, na escala ascendente dos ultimos anos, do aumento progressivo que vimos conseguindo.

Nossa arrancada no campo da cultura algodoeira, raciocinam os americanos, avançou muito e usou os recursos de que a lavoura brasileira podia lançar mão, sendo de supôr que dóravante as conquistas se limitem a coeficientes normais, sem influencia na massa total da produção.

Isso pelos motivos: — escassez de capitais para o financiamento da lavoura, falta de braços, principalmente no tempo da apanha, falta de assistencia tecnica, deficiencia de transportes, de organização e defesa agricola, aos quais podemos acrescentar o esgotamento da terra.

Não suponho realmente que o Brasil possa fazer concurrencia perigosa ao algodão americano.

*
* *

A OPORTUNIDADE DO BRASIL

Considero nosso dever, imperativo nacional de patriotismo, desdobrar esforços para duplicar a nossa produção algodoeira no menor prazo possivel.

Uma safra de oitocentos mil toneladas corresponde, aos preços correntes, a cerca de tres milhões de contos — que viriam aviventar a nossa economia, proporcionando-nos recursos para renovar os nossos já gastos aparelhamentos ferroviarios e maritimos.

Não é facil atingir a tais cifras, nem afetará esse acrescimo á situação internacional do produto. Esse aumento representará, em relação á colheita do corrente ano, 10 % a mais sobre a safra mundial.

Pelas suas condições naturais e atual apuro empregado no cultivo do algodão, o Brasil póde trabalhar — dentro das taxas cambiais em curso — mesmo a preço mais baixos que os vigentes, sem temer a concurrencia de outros paizes. O coeficiente médio da produção de sua lavoura é de 900 quilos por hectares, igual ao Egito, mais do dobro do americano e do triplo da India.

*

* *

QUALIDADE DO ALGODÃO BRASILEIRO

continuad. com a pág. 11.

O produto brasileiro é de fibra média, qualidade preferida pelas fiações de todo o mundo; tem grande resistencia e sedosidade, caprichando os agricultores paulistas, principalmente, em produzir artigo limpo, de fibra uniforme e homogenea.

Por esse motivo, o algodão paulista e o de primeira qualidade do norte tem acceitação em todos os mercados e sua collocação se faz sem dificuldades.

Neste e no anno passado, quasi todos os Estados que cultivam algodão no Brasil fizeram grandes esforços para aumentar suas colheitas, merecendo especial menção São Paulo, que já alcançou os 100.000.000 de quilos numa safra e que espera dobrar esta quantidade na colheita a que se está procedendo. Atingindo esses algarismos, entrarão para economia paulista cerca de oitocentos mil contos, carreados pela venda de sua produção algodoeira.

*

* *

PRODUÇÃO E CONSUMO DE MINAS GERAIS

O nosso Estado, Minas Gerais, até o ano passado não déra mostras de se interessar de modo geral pelo movimento em pról do fomento da cultura algodoeira.

Sua safra em 1935 não foi além de 14.000 toneladas, contra 8.500 no ano anterior.

Nos doze anos, de 1921-1932, numa produção total do Brasil, de 1.356.518 toneladas, com a média anual de 113.044, Minas colheu apenas 68.046, com a média anual de 5.671 e a percentagem de 5,016 % sobre aquele total.

A área cultivada, que em 1920 era de 10.430 héctares, no Estado, subiu para 50.900, em 1933, com um aumento relativo de 388 %.

O consumo de pluma pelas 76 fabricas espalhadas por todos os pontos de Minas montou em cerca de 13.000 toneladas no ano passado e em 10.500 no anterior e equivale a 10 % do consumo nacional. O capital desses estabelecimentos é superior a 100.000 contos de réis, com 8.315 teares e 234.880 fuzos e o pessoal neles empregado 18.400, entre operarios e auxiliares administrativos.

Já no ano corrente, porém, a situação se alterou e de todos os pontos da terra mineira chegam noticias do entusiasmo com que se entregam os agricultores ao cultivo da preciosa malcacéa.

*

* *

POSSIBILIDADES ALGODOEIRAS DO ESTADO

De todos os Estados do Brasil é inegavelmente Minas Gerais o que maiores possibilidades encerra para o desenvolvimento da cultura algodoeira. Vastissimos tratos de terra encontram-se no Estado para essa agricultura.

A terra "em tal maneira é graciosa, que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo", escreveu Pero Vaz Caminha na

celebre carta narrando ao Rei de Portugal o descobrimento do Brasil, vaticinio que o ingenuo "plantando, dá" do Jéca, de Monteiro Lobato, e os fatos confirmam com fartura. O clima e o regime das chuvas permitem em todo o territorio de Minas a plantação e a colheita do algodão.

*
* *

A AÇÃO DO GOVERNO

O Governo do Estado de acordo com o seu programa de fomento economico aplicado especialmente ao desenvolvimento da cultura do algodão, do fumo e da mamona, iniciou o ano passado a execução do seu plano pela incrementação e defesa do cultivo do algodoeiro, fornecendo aos agricultores pelo preço do custo sementes selecionadas e expurgadas e proporcionando assistencia tecnica a todas as pequenas culturas, ministrando instruções para o plantio, defeza contra as pragas, colheita e transporte do produto ás uzinas de beneficiamento.

*
* *

RESULTADOS COLHIDOS

Os resultados desta campanha se apresentam animadores. A colheita em curso é estimada em 30 a 35 mil toneladas de pluma, isto é, mais do duplo da safra passada.

Um só exemplo mostra o ritmo acelerado da expansão da cultura algodoeira no nosso Estado.

O municipio de Leopoldina até 1933 não cultivava algodão; nesse ano principiou a plantar essa malvacéa, tendo colhido uma pequena safra de 4.000 quilos de algodão em caroço. No ano seguinte a fabrica de fiação e tecidos local adquiriu dos produtores do municipio 38.000 quilos e no corrente ano, até 31 de Maio, já haviam afluido aos seus depositos 250.000 quilos de algodão em caroço, quantidade que se espera elevar a 400.000 até o fim da safra.

Na cidade vizinha, Cataguazes, a fabrica dos Irmãos Peixoto, por sua vez, já recebeu até agora cerca de 350.000 quilos, vindos de varios municipios da Mata, especialmente; Carangola, Ponte Nova e Ubá.

Os lucros colhidos pelos fazendeiros foram em regra extraordinariamente compensadores, alcançando cifras jámais suspeitadas.

*

* *

FATOS CONCRETOS

Vou citar alguns casos particulares que me foram atenciosamente communicados e que são positivamente impressionantes, devendo o seu conhecimento servir de estimulo e emulação aos lavradores mineiros para ampliação da cultura algodoeira no Estado.

Na colheita do ano passado, fez éco o caso acontecido com o Prefeito de Leopoldina, Sr. Francisco de Andrade Bastos, proprietario da fazenda da "Floresta" e grande fazendeiro no distrito da cidade.

Identificado com todas as questões e interesses municipais e entusiasta de quanto se relaciona com economia local, animou, entre os agricultores do municipio, o incremento do cultivo do algodão, obtendo do Governo Mineiro as facilidades e auxilios solicitados.

A' ultima hora, lembrou-se de que ele mesmo nada tinha plantado em suas terras. Aproveitados os restos das sementes, conseguiu encher um alqueire e tres quartas de terreno já plantado com milho. O algodoal cresceu no meio do milharal. Feitas as colheitas de milho e do algodão, nessa área, apurou o Sr. Francisco de Andrade Bastos, na venda do milho réis 1:790$000 e na do algodão réis 7:890$000.

Na safra deste ano, em uma gleba de 5 alqueires geometricos, arrendados pela quantia de trezentos mil réis por ano cada alqueire, o Dr. Orméo Botelho obteve um resultado financeiro liquido de mais de nove contos de réis. Despendeu, com o arrndamento, compra de maquinas, drogas, animais de tiro,

carroças, sementes, salarios com os trabalhadores, transporte, etc. cerca de quize contos de réis. Já colheu e vendeu 13.000 quilos e tem ainda a colher cerca de 7.000, fechados ao preço de réis 1$200 por quilo.

Seja uma receita bruta de réis 24:000$000 para uma despeza de réis 15:000$000, incluido o valor dos apetrechos rurais que representam ainda capital, em menos de nove mezes.

Mais admiravel e profico foi o resultado da experiencia feita na fazenda "Niagara", situada no districto de Santa Izabel, municipio de Leopoldina. Essa propriedade agricola, velho solar da familia Junqueira na Mata de Minas, pertence hoje a uma sociedade anonima, encorporada pelo senador Ribeiro Junqueira.

Ali, semeou-se em Outubro p. passado algodão "Express" num vargêdo, a margem do rio Pirapetinga, com a superficie préviamente medida e demarcada de 50.000 m2, ou sejam 5 hectares. A despeza total da cultura que foi cercada dos cuidados necessarios, desde o preparo do terreno, semeadura, capinas, desbastes, colheita e transportes, não atingiu a quatro contos de réis.

A colheita, ainda não cincluida, já havia alcançado, até 31 de Maio ultimo, 9.500 quilos, esperando-se com segurança que chegue ou se aproxime mui de perto de 12.000 quilos.

Vendido ao preço de réis 1$200 por quilo, que é a cotação do mercado local, representa uma receita de réis 14:400$, para uma despeza de réis 4:000$000, isto é, em cinco hectares, pouco mais de um alqueire geometrico, realizou-se um lucro liquido de réis 10:000$000, praticamente cinco vezes o valor, bem reputado, que se atribuia á propria terra.

Em terreno areonoso e safaro, de sua propriedade do "Desengano", junto á cidade de Leopoldina, o Dr. Custodio Junquira consegue colher, em alqueire e meio (geometricos), ou sete héctares, 6.800 quilos, graças aos cuidados empregados no cultivo.

A firma Dolabela Portela & Cia., Ltd., nas "Granjas Reunidas", em Bocaiuva, cultivou mecanicamente uma área de 1.300 hectares com algodão "Express" e "Texas", tendo alcançado o

ano passado uma colheita de 1.200 quilos por hectare e no ano corrente 700 quilos, devido á seca e á broca.

Os tipos médios do algodão foram 2/3 e o comprimento da fibra 28|30 mm, tendo sido toda a safra colocada nas fiações do Estado e embarcada para Trieste, a preços remuneradores.

Resultados semelhantes foram registrados em varias outras zonas do Estado, conforme noticias que temos de S. Sebastião do Paraizo; de Itajubá, Machado e Varginha, do Sul; de municipios do Oéste: Campo Belo, Lavras, Dores da Bôa Esperança e Dores do Indaiá; da zona da Mata — Ponte Nova, Viçosa, Rio Casca, etc..

Narra-se mesmo o fato de um fazendeiro na zona da Mata, cuja fazenda estava na iminencia de ser entregue ao credor hipotecario e que acaba de se salvar do desastre financeiro com o produto de sua colheita de algodão.

*

* *

A QUALIDADE DO ALGODÃO MINEIRO

A qualidade do algodão mineiro, especialmente das zonas de cultura nova, e ótima: fibra forte, sedosa e resistente; limpa e uniforme, com o comprimento médio de 26|28 e 28|30, havendo mesmo de 30|32.

Devido a esses caracteristicos, seu rendimento nos filatorios é maravilhoso não chegrando a ,quebrar 5 %, quando o tipo comum do algodão paulista e do nordéste quebrava em média 15 %.

Tudo isso cria uma posição previlegiada para as fabricas situadas naquela região, devendo atrair a preferencia dos industriais para ali estabelecerem as suas fiações.

O algodão mineiro do norte de Minas, do vale de S. Francisco, misturado com o de procedencia baiana, não era bem aceito pelas fabricas de fiação, por ser de máu aspeto, impuro, muita irregularidade na fibra, oriunda da enorme mestiçagem das especies e da mistura de qualidades diversas na prensagem, e, pois ,baixo coeficiente na fiação, já na produção já na aparencia do fio.

Sob esse ponto de vista, a cultura algodoeira que ora se encetou no Estado, foi principiada com muito acerto e muita felicidade, escolhidas sementes selecionadas e expurgadas, de um tipo homogeneo, que, plantadas com os cuidados que a tecnica recomenda, têm produzido qualidades superiores, de fibra excelente, quanto ao comprimento, á resistencia, sedosidade e uniformidade.

Tambem a colheita vai se processando com o capricho necessario, obtendo pluma limpa, bem seca e sem defeitos.

*
* *

QUANTIDADE A ALCANÇAR

Mantidas essas cautelas e impulsionada a cultura, obteremos em Minas no ano proximo uma safra de 100.000 toneladas, que reduzida a dinheiro, significa uma entrada de réis 400.000:000$000 na economia mineira, avolumando o conjunto de suas trocas, acelerando o ritmo de seu comercio e permitindo a capitalização de consideraveis sobras.

Cumpre somar ainda a esses algarismos, as quantidades de caroço, cujo valor, aos preços de 100 a 150 réis por quilo, orça por 20 a 30 mil contos, porque no algodão não é só a pluma que vale, tambem o caroço representa riqueza.

*
* *

O DEVER DO GOVERNO

Para fazer do algodão, como póde e deve, um produto basico de sua economia, dando-lhe o incremento que as nossas condições naturais comportam e firmando a regularidade das safras de fórma estavel, segura, com um volume conveniente, — cumpre ao Estado regulamentar a cultura algodoeira, prescrevendo leis e fiscalização efficaz para obrigar os lavradores a só plantar sementes recomendadas para cada zona pelos serviços tecni-

cos especialisados, de acordo com as lições da experiencia, afim de impedir a degenerescncia e a mistura de fibras de diversas qualidades e tamanhos diferentes, combater as pragas e destruir as plantas atacadas, no escopo de evitar a propagação da lagarta, do curuquerê e de outras molestias, que infecionam o algodoeiro e aniquilam as lavouras com o prejuizo do lavrador e dano á economia coletiva.

*
* *

A creação de estações experimentais e postos de defeza e a designação de agronomos e mestres de culturas, nos municipios, para ensinar aos agricultores os processos de plantio, a escolha da semente, os cuidados no tracto, o combate ás pragas, a maneira mais racional de colher e transportar o algodão, a necessidade de queimar as plantas infecionadas, etc., são medidas indispensaveis para assentar a lavoura algodoeira em base racional e positiva, tirando-a dos azares de uma cultura empirica, sujeita ao bom ou máu curso das estações, ao apparecimento e á devstação das pragas.

A par dessas providencias e da distribuição do credito agricola, em volume, condições e modalidade, convenientes, cumpre ao governo facilitar e promover o estabelecimento de prensas de alta pressão, maquinas de descaroçar e a organização comercial no Estado, para o escoamento e a colocação das safras nos mercados externos e nos centros consumidores nacionais.

*
* *

NUMEROS PAULISTAS

Existiam em São Paulo em Junho deste ano: 884 descaroçadores com 66.621 serras. Em Minas havia 77 descaroçadores no principio deste anno.

*
* *

O QUE MINAS ESPERA DE SEUS FILHOS

Dentro de uma tal organisação, executado o plano economico traçado pelo governo e sistematizado o esforço geral, "o algodão será em breve uma das nossas maiores fontes de riqueza, contribuindo decisivamente para o completo saneamento das finanças do Estado", restituindo Minas ao logar a que tem direito no seio da federação, pelo seu territorio, pela sua população, pelo seu trabalho, pela sua cultura e pelo seu civismo.

Teremos, assim, tornado uma brilhante realidade, feliz, gloriosa para nós, minêiros, e para todo o Brasil, e dado um sentido real, concreto, ao ideal sublime e altamente patriotico que se engasta e fulge no lema desta casa — "Minas Grande, dentro de um Brasil unido e forte".

A CULTURA DO ALGODOEIRO

INSTRUÇÕES PRATICAS PARA O SEU BOM RESULTADO

Onde deve ser cultivado

Cumpre escolher-se terreno apropriado. Serve qualquer terreno que produzir bem o milho, que não for humido ou alagadiço ou acido. Terras **"noruegas"** não servem.

Devem-se preferir os terrenos planos ou levemente acidentados e **soalheiros,** de solos permeaveis. As terras virgens, de solo rico, devem ser evitadas, preferindo-se as de palhadas ou os pastos, que são faceis de arar, porque já destocadas em regra.

Nas terras virgens, o algodoeiro se desenvolve muito, mas **pouco produz** e **é muito atacado pela lagarta**.

Se o terreno for sujeito á erosão, convem protege-lo com valetas em curvas de nivel, com o plantio de cordões vivos, feijão de porco, crotolaria, etc., e fazer o plantio em curvas de nivel, com frequentes cultivações.

QUANDO DEVE SER PLANTADO

A epoca do plantio varia em cada zona.

A melhor epoca em Minas, principalmente no Sul, no Oeste e na Mata, é em Outubro, até fins de Novembro.

Não só a colheita cáe em tempo seco, geralmente, como torna-se mais facil combater as pragas.

COMO SE PLANTAR

Preparo do terreno

Primeiramente cumpre destocar o terreno, razão porque não se deve escolher terreno de muitos tócos, preferindo-se os pastos e terrenos de velha cultura de milho.

O terreno deve ser arado, de preferencia duas vezes. Uma até Agosto, a outra em Setembro ou Outubro e até meados de Novembro.

A primeira aração póde ser mais raza e a segunda mais funda e em sentido cruzado, a uma profundidade mediá de 30 centimetros.

Terminada a segunda aração, o terreno deve ser gradeado para desmanchar os torrões, passando-se a grade de discos e em seguida a de dentes, ou apenas um pranchão de madeira para quebrar os torrões, acertar a superficie do terreno e comprimi-lo um pouco. As sementes não nacem bem nas terras mal preparadas, morrendo as plantinhas sob o pezo dos torrões, quando não são quebrados.

PLANTIO

Escolha de semente

No plantio, a primeira cousa a observar-se é a escolha da semente, que é a base da producção. Só se deve plantar semente expurgada, adquirida nas repartições oficiais competentes, que são a Secretaria da Agricultura e o Serviço de Plantas Textis do Ministerio da Agricultura. As sementes que essas repartições distribuem são previamente analisadas e geralmente são variedades das qualidades "Texas" e "Express". Em São Paulo ha uma variedade de fibra longa "Piratininga" que é bastante produtiva e deve medrar e produzir bem em Minas.

MANEIRA DE PLANTAR

A plantação não deve ser feita baralhadamente, mas em linhas paralelas, afim de facilitar a capina, a passagem dos cultivadores, o combate ás pragas e a colheita.

Se o terreno não for plano, convem fazer em curvas de nivel.

Pode ser feita á mão ou á maquina. Sendo feita a mão, o agricultor deve pôr de 6 a 8 sementes por cóva, a 5 centimetros de profundidade, mais ou menos, devendo cobri-las com terra solta, calcando esta levemente com o pé. Quinze quilos de sementes bastarão para um hectare ou 70 quilos para um alqueire geometrico (48.000 m.2).

Se a semeadura for feita á maquina, gasta-se quasi o dobro de sementes. Deve-se riscar primeiramente o terreno, ás distancias estabelecidas, passando a semeadeira por cima do sulco feito pelo riscador.

A semeadeira semea continuamente ou em intervalos regulares. E' preferivel pela primeira fórma, para garantir uma bôa lavoura, sem falhas. Deve-se ajustar bem a maquina afim de enterrar as sementes á profundidade de 5 centimetros.

As distancias entre as ruas ou fileiras e entre as plantas são de grande alcance na produção e dependem de fatores varios, tais como, a natureza e riqueza do sólo, adubação, variedade, metódo da plantação, se á mão ou á maquina.

Quanto mais rica for a terra e quanto menos seca, maiores devem ser essas distancias.

Para semeaduras feitas á mão, as distancias devem ser:

Em terras muito ricas: 9 palmos (1m,90) entre fileiras e, 5 palmos (1m,10) entre cóvas;

Em terras de bôa fertilidade: 7 palmos (1m,60) e 4 palmos (88 centimetros);

Em terras de fertilidade media ou bem adubadas: 6 palmos (1m,30) e 3 palmos (66 centimetros).

Em terras pobres: 5 palmos (1m,10) e 2 palmos (44 centimetros).

E nas semeaduras á maquina:

Sobre terras muito ricas: 8 palmos (1m,70) entre fileiras e 4 palmos (88 centimetros) entre plantas;

Em terras de bôa fertilidade: 6 e meio palmo (1m,45) e 3 palmos (66 centimetros);

Em tertras de fertilidade media, ou bem adubadas: 5 e meio palmos (1m,20) e palmo e meio (40 centimetros).)

Em terras pobres: 5 palmos (1m,10) e um palmo (22 centimetros).

ADUBAÇÃO

O algodoeiro não é das plantas mais exigentes. Porém, nas terras cançadas ou pobres, é necessario fazer-se a adubação. Dá muito bem nas terras calcareas.

Em geral, os nossos terrenos são ricos em azoto, mas escassos de **fosforo**, elemento de que muito precisa essa planta. Convem, assim, proceder-se á adubação fosfatada, recomendando-se para isso a **farinha de osso**, na dóse de 400 a 600 quilos por hectare. Havendo insuficiencia de azoto, o que se pode saber pela analise da terra, é util adubar cada hectare com 60 a 80 quilos de salitre do Chile. Algumas terras se beneficiam muito com uma aplicação de 60 a 120 quilos de chloreto de potassio por hectare. A aplicação do adubo pode ser feita por ocasião do plantio, e conjuntamente com ele, empregando-se uma semeadeira adubadeira, ou mesmo á mão.

ANALISE DA TERRA

Proceder á adubação sem analisar primeiro a terra é agir empiricamente, ao acaso, arriscando-se o lavrador a gastar de mais e mesmo a prejudicar a lavoura.

A analise é feita pelo instituto competente e para isso é necessario enviar-se a ele uma amostra da terra. Para tirar a amostra deve-se primeiro limpar a superficie do sólo, arredando-se os páos, pedras, folhas, etc., por acaso existentes no local escolhido. Corta-se então em forma de fatia a superficie da terra até a profundidade de palmo e meio (33 centimetros), mais ou menos, bastando uns três quilos de terra para cada amóstra. As amóstras devem ser bem acondicionadas, separadas, numeradas e acompanhadas de informações tais como: nome do remetente, da propriedade e do municipio; natureza

do sólo, côr e consistencia; padrões vegetais, cultura que se projéta e resultados obtidos nas culturas anteriores.

DESBASTE

Para que a lavoura não fique muito fechada, o que prejudica a produção, é preciso arrancar algumas plantas. O desbaste é, pois, a operação de eliminar as plantas em excesso para dar espaçamento ao algodoeiro e agrupa-lo bem em linha, a distancias certas. Deve ser feito cerca de 40 dias após á semeção, isto é, quando as plantas tiverem um palmo de altura (22 centimetros) mais ou menos.

Feito tarde de mais, o desbaste pouco aproveita. As plantas ficam esguias e com os galhos curvos, minguando a produção. O arrancamento das plantas excessivas deve de preferencia ser feito com a terra humida, para não prejudicar as que ficarem. O desbaste póde ser feito á mão ou com a enxada, por occasião da primeira capina, trinta a trinta e seis dias depois da planta nascida.

Não se deve deixar mais de três pés em cada grupo ou cóva, espaçados um do outro de 60 a 80 centimetros, conforme a fertilidade da terra e a variedade plantada.

Tanto é necessario o desbaste como inutil a capação, isto é, a eliminação do broto terminal da haste principal das plantas, na idade de três a quatro mêses. A capação não deve ser feita, porque aumenta inutilmente o custo de produção.

CULTIVO

O algodoal deve ser trazido constantemente limpo, especialmente quando se abrem as maçãs.

Limpo á enxada ou com cultivador e capinador, o que é necessario é não deixar o mato crecer no meio do algodoal. No geral exige três capinas, ou mais, a primeira por ocasião do desbaste e a ultima antes de abrir os primeiros capulos.

Sempre que houver mato ou após chuvas pezadas, deve-se passar o cultivador nas ruas do algodoal, afim de impedir a formação de uma crósta dura na terra, que prejudica a vegetação. Dve-se chegar a terra ás plantas, com a enxada ou

com o cultivador. O algodoal no mato dá pouco e a colheita é dificil e de rendimento pequeno — o que afugenta os colhedores.

COMBATE ÁS PRAGAS

Quem quizer plantar algodão, tem que destruir, matar a formiga, a saúva.

Se o não fizer, perderá o seu tempo, o seu trabalho e o seu dinheiro. Será preferivel ficar roncando na cama, "maginando na morte da bezerra", ou pitando displicente e beatamente o seu cachimbo, á espera do juizo final.

E' sabido por todo lavrador como se mata a saúva. Não precisamos repetir aqui o que já é sobejamente conhecido. Tambem a formiga **quem-quem** deve ser destruida, queimando-se os seus formigueiros, que em regra se localisam em monturos de palha ou cisco.

Além da formiga, atacam o algodoeiro diversas molestias e pragas.

Contra as molestias, o que de melhor se deve fazer é a rotação de culturas, isto é, não plantar todos os anos o algodão no mesmo terreno. Pode-se plantar dois e três anos seguidos. Depois do terceiro ano, planta-se milho, feijão, etc. e, após pode-se voltar novamente ao algodão.

As pragas que maiores danos causam á lavoura algodoeira são: **bróca da raiz, lagarta rosada** e **curuquerê**.

a) — **Bróca**. — A bróca, que é causada pela larva de um bezouro, tipo gorgulho, ataca a parte superior das raizes e a inferior do caule, destruindo os tecidos e matando a planta. Aparece geralmente nos terrenos onde é muito repetida a cultura no mesmo logar ou nos logares humidos.

O melhor remedio é, pois, a rotação da cultura e a escolha de terras soalheiras. A bróca surge com maior intensidade e prejudica mais, quando a plantação é feita muito cêdo.

Plantando-se o algodão em Outubro e Novembro, ou mesmo em Dezembro, as plantas reagem e ainda produzem regularmente. Para evitar a bróca, deve-se arrancar e queimar as

primeiras plantas atacadas do mal, o que se reconhece prontamente, porque as suas folhas ficam emurchecidas e com uma côr vermelho-bronzeada. Deve-se arrancar e queimar o algodoal logo depois da colheita.

b — **Lagarta rosada** — Esta praga, constituida por uma lagartinha rosea, ataca as sementes, impedindo o desenvolvimento normal dos capulhos e prejudicando não só a quantidade, como especialmente a qualidade do algodão. O unico combate eficiente é o preventivo: expurgo da semente. Não se deve plantar senão sèmente escolhida e expurgada fornecida pelas repartições tecnicas do Governo. Para destruir o germen da praga, deve-se arrancar e queimar as plantas no fim de cada colheita, catando-se e juntando-se os capulhos caídos sobre o terreno, pra queimá-los tambem.

Em seguida procede-se a uma aração profunda no terreno para liquidar o resto da praga, que viria atacar a lavoura no ano seguinte.

Deve-se eliminar todos os pés de algodão de sóca ou isolados, bem como os quiabais, (o quiabo é da mesma familia que o algodão: malvacea) num raio de um kilometro em volta da plantação, pois constituem viveiros permamentes de pragas, especialmente lagart e bróca.

c) — **Curuquerê** — E' a praga que maiores prejuizos causa aos algodoais. O ataque do **curuquerê** começa em Novembro. Com maior ou menor intensidade, esta lagarta aparece no algodoal infalivelmente de Novembro a Abril.

As lagartas se localisam nas extremidades das folhas, que devoram rapidamente, tecem um casulo e se transformam em crisalidas e assim permanecem alguns dias. Transmudam-se em mariposas e, dous a três dias depois de saírem dos casulos, começam a pôr ovos. O lavrador deve combater esta praga com decisão. O menor descuido póde acarretar prejuizo quasi que total, principalmente nos anos chuvosos, quando a praga mais ataca a plantação.

O combte á praga deve ser feito preventivamente, antes de se descobrir o aparecimento das primeiras lagartas no lgodoal, pois elas, quando em pequeno numero ainda, não se per-

cebem facilmente. Só depois que já existe um numero regular é que se nota a sua presença no algodoal.

Deve-se iniciar o combate ao **curuquerê** logo no principio de Dezembro, quando as plantas ainda pequeninas, com 30 a 50 dias de idade, antes mesmo de ser suspeitada a presença da lagarta na lavoura.

Quer tenha ou não visto a praga no seu algodoal, deve o lavrador em principios de Dezembro, fazer a primeira pulverização contra o **curuquerê**, efetuando quinze a vinte dias depois a segunda e a terceira, três semanas após á segunda, escolhendo dias de sól e tempo firme. Se chover em seguida á operação, de modo que a chuva tenha lavado o veneno das folhas, urge repetir a pulverisação logo que o tempo séque. Se houver plantações proximas, onde não se tenha feito pulverisação contra o curuquerê, ha perigo das mariposas voarem dessas plantações infestadas e atacarem o algodoal medicado. Mas, mesmo nessa hipotese, o ataque da lagarta não será tão prejudicil e póde-se atenuar ao mal procedendo-se á nova pulverisação, aplicado o veneno apenas nas extremidades das plantas, isto é, nas folhas novas ainda não atingidas por êle. As outras, se a lagarta comê-las, morrerá, porque já envenenadas pelas anteriores pulverisações.

Quem não estiver disposto a combater o curuquerê, não deve plantar algodão. Será confiar na sorte — jogar ao azar, arriscar o seu capital e o seu trabalho. O tempo poderá correr favoravelmente e não aparecer a praga ou não atuar com intensidade, apenas prejudicando á cultura.

Mas, póde ao contrario, favorecer o seu surto e, então, perder-se-ão mais de 50% da colheita. Não valerá a pena. Não pagará as despezas feitas e o agricultor lamentar-se-á, maldizendo injustamente o algodão, a terra madrasta e o governo que forneceu as sementes, quando êle deveria era revoltar-se contra a sua incuria e castigar o proprio desmazêlo.

Ao iniciar a cultura, pela escolha e preparo do terreno, deverá o agricultor munir-se das sementes e, juntamente, das drogas e pulverisadores para o combate ao curuquerê. Nada de economias na compra do veneno e dos pulverisadores. Essa economia poderá se converter em grosso prejuizo, com a destruição da lavoura pela praga.

Para combater o curuquerê a melhor dróga é o **arseniato de chumbo,** em pasta ou em pó. O arseniato de chumbo em pasta aplica-se da seguinte fórma: na primeira pulverisação, na proporção de 800 gramas para cada 100 litros dagua e nas outras, um quilo para cada 100 litros dagua. Aplicado em pó, bastam meio quilo para a primeira pulverisação e 700 gramas para as outras, respectivamente em cada 100 litros dagua.

A mistura é distribuida em tinas ou quartálas por diversos pontas do algodoal, para facilitar o reabastecimento dos pulverisadores que os operarios levam sobre ródas ou ás costas e que geralmente se enchem com vinte litros. Ao encher o pulverisadar deve o operario mexer e agitar o liquido nas tinas, com uma vara bem limpa, afim de que o veneno não fique depositado no fundo, sem se misturar convenientemente. E' indispensavel que o veneno esteja em suspensão na agua para que a pulverisação seja eficaz. Deve-se côar o liquido, ao se passar para o pulverisadores, afim de que não se entupam os bicos destes. A pulverisação deve ser feita como uma chuva fina e nunca lavar as plantas, aljofrando-as apenas. Ha varios tipos de pulverisadores, devendo-se preferir os que possuem agitadores internos para misturar constantemente o veneno á agua. Para as grandes lavouras convem adquirir os pulverisadores sobre rodas, para as pequenas os de cásta. Convem ter um pulverisador para cada alqueire geametrico (48.000 m2) ou para cada cinco hectares, e cerca de 10 quilos de **arseniato de chumbo em pasta** para cada hectare ou cerca de 50 quilos por alqueire geometrico.

Ao comprar a semente, deve-se comprar tambem os pulverisadores e o veneno. Não se deve economisar na quantidade de veneno adquirido. E' preferivel ter de mais do que de menos, primeiro porque a escassez páde acarretar prejuizo irremediavel, segundo porque o veneno não se estraga, passa de um ano para outro.

MINISTERIO DO MINISTRO DA FAZENDA
SECÇÃO DE ESTUDOS ECONOMICOS
BIBLIOTECA
Nº

COLHEITA

Para obter tipos superiores, e tanto mais mais preço alcança no mercado quanto mais limpo fôr o algodão, é preciso uma colheita cuidadosa. Não se deve colher pluma ainda verde nem humida. A apanha deve ser feita depois que o orvalho

tiver secado, isto é, depois das 10 horas da manhã, quando o sól já estivér quente. Deve-se ter o cuidado de colher o algodão completamente limpo, sem terra, folha seca ou cisco. O algodão que se apresenta mais sujo ou com defeitos, de máu aspecto, deve ser colhido separadamente. O algodão "duro" deve ficar nos capulhos para ser queimado com as sócas no final da colheita. E' conveniente levar ao sól no dia seguinte ao da apanha o algodão colhido, colocando-o sobre pano para eliminar alguma humidade, virando-o algumas vezes.

O algodão póde ser armazenado a granel ou ensacado, mas deve-se atentar bem para não misturar o sujo com o limpo e nunca deixá-lo em contacto com a terra. O armazem deve ser bem ventilado e abrigado das chuvas. Não é demais repetir que o algodão limpo vale muito mais que o sujo. Não olvide isso o lavrador.

Não convem plantar mais do que se póde colher no devido tempo. Plantando demais, o algodão permanece longo tempo aberto, sofrendo a ação das chuvas e se estragando. E' contraproducente. A colheita póde ser entregue a mulheres e crianças e é muito conveniente que se complete dentro do espaço de tempo de uma semana, calculando-se que oito a nove operarias pódem efetuar a colheita inteira de um alqueire geometrico (48.000m2) ou sejam duas quasi para cada hectare, em seis dias de trabalho.

Arrancamento e queima das soqueiras Terminada a colheita, procede-se imediatamente ao arrancamento das plantas, juntando-as em montes para queimar quando bem secas. Faz-se o arrancamento com aradinho ou enxadão, nunca á foice, porque ficariam no sólo as raizes e parte do tronco, onde geralmente se alojam as brócas, que iriam devastar as novas plantações do ano seguinte.

O arrancamento e a queima das plantas após a colheita **são obrigatórios por lei,** em São Paulo, sujeita sua infracção a sanções severas. O mesmo deveria dispôr o regulamento legislativo mineiro.

EM RESUMO:

a) — A cultura do algodoeiro é uma lavoura facil, rapida e muito lucrativa;

b) — o algodão é genero de saida imediata e está muito bem cotado nos mercados consumidores;

c) — encontra sempre compradores.

Quem quizer cultivar algodão deve:

1.º) — escolher terras apropriadas, mandando analisá-las, se possivel. São bôas as terras soalheiras, não humidas e nem acidas. Evitar as terras frias, "noruégas", humidas e acidas.

2.º) — lavrar a terra convenientemente, destocando-a, arando-a, gradeando-a e nivelando-a; adubar, se fôr preciso, sendo mui pobre de fósforo;

3.º) — só plantar sementes expurgadas e selecionadas, fornecidas pelas repartições competentes;

4.º) — comprar o veneno para o combate ao curuquerê, na quantidade precisa, e os pulverisadores necessarios.

5.º) — matar a formiga;

6.º) — plantar na época recomendada e de acôrdo com as indicações tecnicas, com os necessarios espaçamentos;

7.º) — cultivar e capinar, ao menos três vezes até á colheita;

8.º) — combater preventivamente, antes que seja notada sua presença no algodoal, o curuquerê, fazendo três pulverisações; a primeira, 20 a 40 dias após o nascimento das plantas, a segunda quinze dias depois, e a terceira três semanas após a segunda. Combater novamente sempre que irrompa a praga, trazida dos algodoais visinhos.

9.º) — arrancar e queimar todos os pés de algodão existentes num raio de um quilometro, pois geralmente estão infecionados pela lagarta rosada;

10.º) — fazer a colheita com cuidado e capricho, terminando-a com urgencia em tempo proprio, separando o algodão limpo do sujo. Não colher algodão verde nem humido. Esperar que o sól séque o orvalho;

11.º) — armazenar o algodão, bem separado o sujo do limpo, e conservá-lo em local seco e arejado, convindo pô-lo ao

sól no dia seguinte ao da colheita, sobre pano, evitando o contacto com a terra.

Mais minuciosas informações sobre a cultura do algodoeiro, classificação do algodão, campos de cooperação, etc., pódem ser obtidas na Secretaria da Agricultura do Estado ou na Inspetoria de Plantas Texteis do Departamento Nacional da Produção Vegetal do Ministerio da Agricultura, em Belo Horizonte.

INDICAÇÕES E ENDEREÇOS DE ALGUNS FORNECEDORES DE MAQUINAS AGRICOLAS PARA A CULTURA DO ALGODOEIRO:

1) — **Maquinas agricolas:** — arados, destorradores, semeadeiras e cultivadores — "Internacional Harvester Export Company, "Av. Oswaldo Cruz, 87, Rio, "Hasenclever & Cia.", Av. Rio Branco, Rio, "Sion & Cia.", rua Alvares Penteado, 1, São Paulo.

2) — **Pulverisadores:** — "Fernando Hackradt & Cia.", rua São Pedro, 45, Rio, "Arthur Vianna & Cia. Ltda.", Avenida Santos Dumont, 228, Belo Horizonte.

3) — **Insecticidas:** — Arseniato de chumbo — "Fernando Hackardt & Cia.", "Elekeiroz S. A.", rua São Bento, 63, São Paulo — arsenico — "Intendencia da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais", Belo Horizonte — enxofre em pó — "Elekeiroz S. A.".

4) — os formicidas e extintores de formiga já estão bastante vulgarizados e dispensam indicações.

LEI N.º 48 DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Regula o serviço de Fomento e Defesa da Produção do Algodão

A Assembléa Legislativa do Estado de Minas Gerais decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica regulamentado por esta lei o serviço de fomento e defesa da produção do algodão, pertencente á Secretaria da Agricultura, Industria, Commercio e Trabalho.

Art. 2.º — Custeará a execução desse serviço o producto das taxas creadas nesta lei e as verbas orçamentarias a elle destinadas.

Art. 3.º — A produção de semente dealgodão para plantio será feita:

a) — nos estabelecimentos officiais especializados;

b) — nos campos de cooperação e de semi-cooperação;

c) — nas culturas particulares e fiscalizadas pelo Serviço.

Art. 4.º — O expurgo da semente para plantio só é permitido nos estabelecimentos particulares que ofereçam as condições regulamentares para isso exigidas.

§ 1.º — para esse fim e para atender melhor ás exigencias do Estado, serão creados postos regionaes de expurgo.

§ 2.º — Aos infratores deste artigo será aplicada a multa de 1:000$000 a 3:000$000.

Art. 5.º — Ao Serviço de Fomento do Algodão, ás prefeituras e estabelecimentos a que se refere o art. 4.º, compete fazer a distribuição de sementes para plantio.

Art. 6.º — Poderá ser dada autorização ás prefeituras, cooperativas ou sindicatos agricolas para distribuirem sementes para plantio, desde que:

a) — requeiram autorização como distribuidores;

b) — distribuam, apenas, sementes que lhes forem fornecidas pelo serviço;

c) — respeitem o preço de venda estabelecido pelo Serviço;

d) — enviem, mensalmente, ao Serviço um quadro detalhado das sementes distribuidas.

Art. 7.º — A semente para plantio deverá ser acondicionada em sacco novo, pyrostampado, com peso certo, levando no interior uma etiqueta analytica.

Art. 8.º — Nenhuma semente será distribuida sem previa analise no laboratorio de sementes.

Art. 9.º — Para efeito de fiscalisação, deverá o lavrador exibir, quando exigido, documento que prove a procedencia da semente.

Art. 10.º — Só poderá ser plantada semente fornecida pelo Serviço.

Art. 11.º — As infrações aos artigos precedentes serão punidas com multa de 500$000 a 2:000$000.

Art. 12.º — O Serviço estabelecerá anualmente o preço de venda das sementes para plantio.

Art. 13.º — Serão estudadas, nos estabelecimentos experimentais do Serviço, as especies e variedades de algodoeiros de valor economico para cada zona.

Art. 14.º — O Serviço manterá campos de cooperação e de semi-cooperação com interessados na cultura do algodoeiro.

§ 1.º — Para esse fim, concederá os seguintes favores:

a) — direção tecnica;

b) — emprestimo do machinario agricola necessario;

c) — sementes para plantio e replantio;

d) — inseticidas para o combate ás pragas.

§ 2.º — Da produção do campo de cooperação, toda a semente caberá ao Serviço; no caso da semi-cooperação, cujos favores são reduzidos, caber-lhe-á uma porcentagem proporcional aos beneficios concedidos.

Art. 15 — O contracto de cooperação não excederá de dois anos.

Art. 16 — Para funcionarem no Estado, as instalações de beneficiamento e prensagem devem estar autorizadas pelo Serviço de Fomento do Algodão.

§ 1.º — Para efeito de autorização, as instalações de beneficiamento e prensagem deverão satisfazer ás exigencias tecnicas do Serviço.

§ 2.º — Ficam isentas das exigencias tecnicas do Serviço, para efeito de autorização, as instalações existentes nas fabricas de tecidos e destinadas exclusivamente ao beneficiamento de algodão para seu consumo.

§ 3.º — A Secretaria da Agricultura poderá isentar das mesmas exigências as pequenas maquinas instaladas nas fazendas e que beneficiem exclusivamente algodão de produção destas, destinados ao consumo de fabricas locais.

Art. 17.º — A Secretaria da Agricultura poderá conceder favorês especiais, por prazo determinado, ás usinas de beneficiamento que se submeterem ás seguintes exigencias:

a) — Dispuzerem de aparelhamento completo para um perfeito beneficiamento;

b) — funcionarem em prédio apropriado, dispondo de tulhas para a separação em tipos, de algodão em caroço; de sala de classificação; de dependencia para expurgo, e de deposito para sementes e fardos;

c) — beneficiarem algodão em caroço, recebido de particulares, mediante taxa estipulada pelo Serviço;

d) — fizerem o beneficiamento a que se refere a letra "c", na ordem da entrega pelo interessado;

e) — fornecerem, a pedido do interessado, para effeito de warrantagem, certificado do algodão beneficiado, com o visto do fiscal do beneficiamento;

f) — observarem a taxa de armazenagem estabelecida pelo Serviço;

g) — remeterem, mensalmente, ao Serviço, dados, estatisticos do movimento do algodão na Usina.

Art. 18 — O algodão de propriedade do usineiro, para ser beneficiado, obedecerá á mesma ordem prevista na letra "d".

Art. 19 — Ao infractor dor artigos 15 16 serão classificados os favores que lhes forem concedidos.

Art. 20 — A secretaria da Agricultura poderá instalar e custear usinas regionais de beneficiamento nos centros de produção ou de concentração do algodão.

§ 1.º — Nas usinas regionais funcionará um posto de classificação e um posto de expurgo de sementes, e, quanto possivel, instalações para beneficiamento da semente para extração do oleo.

§ 2.º — A taxa de beneficiamento do algodão, nas usinas regionais, será, anualmente, estabelecida pelo Serviço de Fomento de Algodão.

Art. 21 — Para efeito de exportação as caixas das prensas das instalações de beneficiamento medirão internamente 1mr10 por 0,m47, devendo produzir fardos de 150 a 200 quilos.

§ 1.º — Os fardos destinados á exportação deverão ser envoltos em aniagem ou tela de algodão, novas e amarrados com cintas de aço.

§ 2.º — Fica marcado o prazo de 12 meses, a contar da data da publicação desta lei, para que as usinas atualmente instaladas no Estado deem ás caixas das prensas as dimensões estabelecidas no artigo anterior.

Art. 22 — Ao fiscal de beneficiamento, que terá livre acesso em qualquer instalação de beneficiamento, compete:

a) — inspecionar todas as instalações de beneficiamento e prensagem junto ás quaes estiverem servindo, intimando aos seus proprietarios a pronta substituição das peças que não satisfizerem ás condições exigidas para um perfeito beneficiamento.

b) — verificar as infrações da presente lei, lavrando o respectivo auto de infração que será remetido á autoridade superior;

c) — remeter quinzenalmente, á direção do Serviço, o quadro demonstrativo do movimento da respectiva instalação;

d) — fornecer, prontamente, aos seus superiores hierarquicos, todas as informações solicitadas, para o que deverá manter uma escrituração perfeita dos serviços a seu cargo;

e) — vender aos lavradores semente, insecticidas, etc., de acordo com as instruções recebidas; distribuir publicações oficiais relativas á cultura do algodoeiro, a prestar todas as informações referentes aos serviços a seu cargo;

f) — ministrar aos lavradores todos os ensinamentos necesarios a um prefeito serviço de plantio, colheita, seleção e beneficiamento, demonstrando as vantagens do emprego da semente expurgada e selecionada, para o que visitará as lavouras da região a seu cargo, nas épocas proprias;

g) — retirar amostras do algodão beneficiado, em quantidade não excedente a 120 gramas, e envia-las ao posto de classificação mais proximo, afim de serem devidamente apreciadas;

h) — visar os certificados a que se refere a letra "e" do artigo 15;

i) — visar e registrar, para efeitos estatisticos, as guias do despacho de caroço de algodão e de algodão em caroço;

j) — levantar a estimativa da area cultivada e da produção algodoeira na zona e na época determinada;

k) — assistir ao beneficiamento e prensagem do algodão, procedendo com os infratores de acordo com o artigo 23 e paragrafo unico.

Art. 23 — Os serviços do fiscal junto a uma instalação de beneficiamento serão de 8 horas de trabalho efetivo.

Paragrafo unico. — Sempre que houver necessidade e a pedido do interessado, poderá ser prorogado o expediente acima, devendo o interessado pagar uma taxa correspondente ao excesso de tempo de trabalho.

Art. 24 — De acordo com o decreto federal n. 22.929, de 12 de Julho de 1933, é obrigatoria a classificação commercial de todo o algodão beneficiado no territorio do Estado de Minas Gerais, bem como do algodão proveniente de outros Estados e ainda não classificado.

Paragrafo unico. — Para execução deste artigo, entrará o Estado de Minas Gerais em acordo com o governo da União.

Art. 25 — Fica estabelecida a taxa de $010 por quilo de algodão beneficiado no Estado.

Paragrafo unico. — A taxa a que se refere este artigo destina-se ao custeio do Serviço.

Art. 26 — Nas reincidencias, são as multas cobradas pelo dobro.

Art. 27 — As taxas e multas creadas nesta lei serão recolhidas ás coletorias estaduais, mediante guia visada pelos fun-

cionarios da Secretaria da Agricultura incumbidos de sua execução.

Art. 28 — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão exactamente como nella se contem.

Dado no Palacio do Governo, em Bello Horizonte, aos 27 de Dezembro de 1935.

Benedito Valadares Ribeiro
Israel Pinheiro da Silva
Ovidio Xavier de Abreu

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE ITAJUBÁ

PROPRIETARIO — MARIO BRAZ P. GOMES

Area: — 18,8 hectares

Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Limpesa do terreno . .	111,75	397$250		
a) amortisação . . .		1$418		
b) trabalho animal .		7$000	405$668	
Aceiro	14	49$500	49$500	
Destoca	87	311$500	311$500	
Combate á formiga . .	132,75	470$575		
a) amortisação . . .		11$255		
b) 38,5 ks. de arsen.		110$850	592$680	
Aração	131,5	402$500		
a) amortisação . . .		23$032		
b) trabalho animal .		151$000	576$532	
Gradagem	74	222$900		
a) amortisação . . .		17$178		
b) trabalho animal .		142$000	382$078	
Plantio	26	98$500		
a) amortisação . . .		3$070		
b) trabalho animal .		8$000		
c) 370 ks. de sementes		171$000	280$570	
Replantio	19	74$750		
a) 30 ks. de sementes		9$000	83$750	
Combate á erosão . . .	1	4$250		
Capina e desbaste . . .	531,4	1:878$000	1:878$000	
Cultivações	150,6	462$346		
a) amortisação . . .		7$650		
b) trabalho animal .		37$750	507$746	
Amontoa	23,6	84$300	84$300	
Combate ao curuquerê	163,9	571$000		
a) amortisação . . .		14$133		
b) trabalho animal .		6$000		
c) 156 ks. arseniato de chumbo		998$850	1:589$983	
Apanha de 18.005 ks. de algodão		1:835$600	1:835$600	
Total das despesas . .			8:582$157	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$477		

Natureza do serviço.	N.° de serviços	CREDITO Parcial	CREDITO Total	DEBITO
Producto liquido da venda de: — 5.401, 5 ks. de pluma a 4$444 . .				24:006$666
12.613,5 ks. de sementes a $250				3:150$375
Renda bruta				27:157$541
Total das despesas . .				8:582$157
Lucro liquido				18:575$384
Taxa de Rendimento — 216,4%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE MACHADO

PROPRIETARIO — GABRIEL TEIXEIRA

Area: — 18,4 hectares
Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO Parcial	CREDITO Total	DEBITO
Limpesa do terreno . .	5	15$000		
a) trabalho animal .		15$000	30$000	
Derrubada	5	15$000	15$000	
Encoivaramento	27,7	81$600	81$600	
Destoca	91	273$000	273$000	
Aração	94	360$000		
a) amortisação . . .		21$744		
b) trabalho animal .		119$000	500$744	
Gradeação	25	63$000		
a) amortisação . . .		10$534		
b) trabalho animal .		39$000	112$634	
Nivelamento	23	63$900		

Natureza do serviço.	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
a) trabalho animal .		44$000	107$900	
Plantio	69	148$100		
a) amortisação . . .		2$632		
b) trabalho animal .		8$500		
c) 251 ks. de sementes		135$300	294$532	
Replantio	2	6$000		
a) 9,5 ks. de sementes		2$850	8$850	
Cultivações	153	396$800		
a) amortisação . . .		8$779		
b) trabalho animal .		43$000	448$579	
Desbaste	210	570$025	570$025	
Combate á erosão . . .	6	17$100	17$100	
Capinas	174,8	435$050	435$050	
Combate ao curuquerê	235 5	650$000		
a) amortisação . . .		16$647		
b) trabalho animal .		15$500		
c) 213 ks. de ars. de chumbo		1:321$350		
d) 6,8 ks de verde paris		59$940	2:063$437	
Combate á formiga . .	378,5	960$550		
a) amortisação . . .		29$828		
b) 91,7 ks. de ars. .		229$425		
c) 10 latas de formicida		50$000	1:269$803	
Apanha de 18.735 ks. de algodão		1:550$923	1:550$923	
Total das despesas . .			7:779$177	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$415		
Producto liquido da venda de: 6.245 ks. de pluma a 3$450				21:533$000
12.490 ks. de sementes a $250				2:122$500
Renda bruta				23:655$500
Total das despesas . .				7:779$177
Lucro liquido				15:876$323
Taxa de rendimento — 204%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, 4 de Fevereiro de 1936.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE PITANGUY

PROPRIETARIO — ROMUALDO LOPES CANÇADO FILHO

Area: — 6 hectares.
Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO Parcial	CREDITO Total	DEBITO
Destoca		12$800		
Aração	398 ¾	1:535$000	1:535$000	
a) amortisação . . .	64	224$000		
b) trabalho animal .		76$800	313$600	
Gradeação	24	84$000		
a) amortisação . . .		6$000		
b) trabalho animal .		43$200	133$200	
Plantio	20	55$000		
a) amortisação . . .		6$000		
b) trabalho animal .		12$000		
c) 400 ks. de sementes		120$000	193$000	
Capina e desbaste . .	171	684$000	684$000	
Combate á formiga . .	16	64$000		
a) amortisação . . .		3$280		
b) arsenico e enxofre		7$000	74$280	
Combate ao curuquerê	80 ¾	323$000		
a) amortisação . . .		7$630		
b) arseniato de chumbo		460$475	791$105	
Cultivações	9	36$000		
a) amortisação . . .		$909		
b) trabalho animal .		4$500	41$409	
Apanha de 8.500 ks. de algodão		904$900	904$900	
Total das despesas . .			4:670$494	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$549		
Producto liquido da venda de: 3.200 ks. de pluma a 3$540				11:330$500
. . 5.200 ks. de sementes a $250				1:325$000
Renda bruta				12:655$500
Total das despesas . . .		:	:	4:670$494
Lucro liquido				7:985$006
Taxa de rendimento — 171%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE SETE LAGÔAS

PROPRIETARIO — CHRISTIANO MASCARENHAS

Area: — 25 hectares

Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Destoca	252,5	746$162	746$162	
Aração	222,9	461$200		
a) amortisação . . .		54$474		
b) trabalho animal . .		181$000	696$674	
Gradeação	79	138$800		
a) amortisação . . .		29$448		
b) trabalho animal .		71$000	239$248	
Combate á formiga . .	55,7	127$500		
a) amortisação . . .		5$298		
b) 26 ks. de arsenico		66$450	199$248	
Nivelamento	31,8	59$800		
a) trabalho animal .		47$000	106$800	
Combate á erosão . . .	2,4	3$500	3$500	
Plantio	33	64$100		
a) amortisação . . .		2$184		
b) trabalho animal .		10$000		
c) 450 ks. de sementes		135$000	211$284	
Cultivações	136.2	244$800		
a) amortisação . . .		6$060		
b) trabalho animal .		30$500	281$360	
Capina	715,3	1:555$700	1:555$700	
Combate ao curuquerê	199,6	496$800		
a) amortização . . .		15$807		
b) 221 ks. de ars. de chumbo		1:478$300	1:990$907	
Apanha de 23.900 ks. de algodão		1:923$000	1:923$000	
Total das despesas . .			7:953$883	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$333		
Producto liquido da venda de — 7.170 ks. de pluma a 4$000 . . .		:		28:680$000
16.730 ks. de sementes a $250.				4:182$500
Renda bruta				32:862$500

Natureza do serviço.	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Total das despesas . .				7:953$883
Lucro liquido				24:908$617
Taxa de rendimento — 313%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE GRANJAS REUNIDAS

PROPRIETARIOS — DOLABELLA, PORTELLA & CIA. LTDA.

Area: — 100 hectares
Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Limpesa do terreno . .	34,65	156$750		
a) trabalho animal .		18$500	175$250	
Roçada	58	278$400	278$400	
Encoivaramento	42,6	170$000		
a) trabalho animal .		3$000	173$000	
Destoca	176.6	849$980		
a) trabalho animal .		1$200		
b) amortisação . . .		62$640		
c) combustivel e lubrificante		287$090	1:200$910	
Combate á formiga . .	59	188$000		
a) amortisação . . .		3$000		
b) 37 ks. de arsenico		82$500		
c) 9 ks. de enxofre .		11$250		
d) 10 lts. de gazolina		15$300	300$050	
Aração	302,5	1:585$600		
a) amortisação . . .		1:710$950		
b) trabalho animal .		52$000		
c) combustivel e lubrificante		5:009$150	8:357$700	

Natureza do serviço.	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Gradeação	12	84$000		
a) amortisação . . .		189$816		
b) trabalho animal . .		40$000		
c) combustivel e lubrificante		750$000	1:063$816	
Nivelamento	7,4	37$000		
a) amortisação . . .		180$000		
b) trabalho animal .		4$000		
c) combustivel e lubrificante		500$000	721$000	
Plantio	50	350$000		
a) amortisação . . .		6$240		
b) trabalho animal .		20$000		
c) 2.500 ks. de sementes		625$000	1:001$240	
Replantio	67	157$800		
a) 152 ks. de sementes		45$600	203$400	
Cultivações	141	406$568		
a) amortisação . . .		12$080		
b) trabalho animal .		70$500	849$148	
Desbaste	240.	1:072$252	1:072$252	
Capinas	101	430$027	430$027	
Combat eao curuquerê .				
a) amortisação . . .	280	1:290$393		
b) trabalho animal .		44$170		
c) 1.111 ks. ars. de chumbo		45$000		
Apanha de 81.555 ks. de algodão		6:009$150	7:388$713	
		14:470$700	14:470$700	
Total das despesas . .			37:325$606	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$456		
Producto liquido da venda de: 24.466, 5 ks. de pluma a 4$650, 57 088, 5 ks. de sementes a $250				113:769$225
Renda bruta				14:272$125
Total das despesas . .				128:041$350 37:325$606
Lucro liquido:				90:715$744
Taxa de Rendimento — 244,3%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE ARAGUARY

PROPRIETARIO — JOSE' ARAUJO VILLELA

Area: — 20 hectares
Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO Parcial	CREDITO Total	DEBITO
Aração	35	210$000		
a) amortisação . . .		7$520		
b) trabalho animal .		76$000	293$520	
Gradeação	25	150$000		
a) amortisação . . .		8$400		
b) trabalho animal .		45$000	203$400	
Nivelamento	3	18$000		
a) trabalho animal .		7$200	25$200	
Combate á formiga . .	22	110$000		
a) amortisação . . .		7$288		
b) arsenico e enxofre — 8½ kilos . .		17$600	134$888	
Plantio	10	50$000		
a) amortisação . . .		4$700		
b) trabalho animal .		6$000		
c) 760 ks. de sementes		190$000	250$700	
Capina e desbaste . . .	184	1:070$000	1:070$000	
Cultivações	28	140$000		
a) amortisação . . .		1$296		
b) trabalho anmial .		14$400	155$696	
Combate ao curuquerê	143	690$500		
a) amortisação . . .		32$941		
b) 434 ks. de ars. de chumbo		1:433$880		
c) 13 ks. de verde paris		50$500	2:207$821	
Apanha de 10.050 ks. de algodão		1:402$300	1:402$300	
Total das despesas . .			5:743$525	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$572		
Producto liquido da venda de: 3.015 ks. de pluma a 4$000 . . .				12:060$000
7.035 ks de sementes a $250				1:758$750
Renda bruta				13:818$750

Natureza do serviço.	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Total das despesas . .				5:743$525
Lucro liquido				8:075$225
Taxa de rendimento — 140,5%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO

Inspector

CONTA CULTURAL

CAMPO DE COOPERAÇÃO DE UBERLANDIA

PROPRIETARIO — SEGISMUNDO PEREIRA

Area: — 10 hectares

Anno Agricola — 1934/35

Natureza do serviço	N.° de srevi-ços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Aração	20	100$000		
a) amortisaçoã . . .		9$520		
b) trabalho animal .		48$000	157$520	
Gradeação	6	30$000		
a) amortisação . . .		2$476		
b) trabalho animal .		14$400	46$876	
Nivelamento	3	15$000		
a) trabalho animal .		1$800	16$800	
Plantio	12	60$000		
a) amortisação . . .		1$128		
b) trabalho animal .		7$200		
c) 240 ks. de sementes		60$000	128$328	
Replanta	6	30$000		
a) 30 ks. de sementes		7$500	37$500	
Desbaste	6	30$000	30$000	
Capinas manuaes . . .	83	411$000	411$000	

Natureza do serviço	N.° de serviços	CREDITO		DEBITO
		Parcial	Total	
Cultivações	8	40$000		
a) amortisação . . .		$552		
b) trabalho animal .		4$800	45$352	
Combate á formiga . .	9	45$000		
a) amortisação . . .		2$362		
b) isencticidas . . .		5$000	52$362	
Combate ao curuquerê	51	255$000		
a) amortisação . . .		7$931		
b) insecticida		418$140	680$971	
Apanha de 7.500 ks. de algodão		807$498	807$493	
Total das despesas . .			2:414$207	
Custo da producção de um kilo de algodão em caroço		$322		
Producto liquido da venda de: 2.500 ks. de pluma a 4$000				10:000$000
5.000 ks. de sementes a $360				1:500$000
Renda bruta				11:500$000
Total das despesas . .				2:414$207
Lucro liquido				9:085$793
Taxa de rendimento — 376,3%				

Nota: — Constitue um serviço o periodo de 10 (dez) horas de trabalho.

Bello Horizonte, Setembro de 1935.

JAYME FERREIRA DE BRITO
Inspector

GABINETE DO MINISTRO DA AGRICULTURA
SECÇÃO DE ESTUDOS ECONOMICOS E FINANCEIROS
BIBLIOTECA
Nº Data

M. FAZENDA
D.A.-NRA-GB
58681
COM. INVENTARIO
PORT. 114/73

Êste livro deve ser devolvido na última data carimbada

Biblioteca do Ministério da Fazenda

2154-46

338.17351
J95

Junqueira, Arthur Botelho.
AUTOR

O algodão.
TÍTULO

Devolver em	NOME DO LEITOR

2154-46

Junqueira, ARTHUR
BOTELHO